

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

DE

SARDOAL

II

editorial

1. Num meio de estagnada latência, como é o nosso, vivendo ainda a elementariedade do seu quotidiano em estilo pacato e ensimesmado, toda a novidade que fenda essa rotina quase monolítica ressoa como autêntica "pedrada" em charco profundo.

Daí que, no caso vertente deste mensário (onde, sem pretensões de qualquer outra natureza específica mais se não deseja do que uma forma de diálogo e relacionamento directo entre a Santa Casa e a população em geral), tenha havido um largo movimento de surpresa - não isento, mesmo, aqui e ali, de certos indícios de agitação. Mas, estoutra, mais empolada do que autêntica, anote-se...

Na verdade, o povo recebeu da melhor forma a nossa iniciativa, só lamentando que haja aparecido tão tardiamente. De há muito se vinha aguardando esse contacto regular entre a Misericórdia, por um lado, e os Irmãos e a população em geral, por outro, que lhes desse conta da vida interna da Instituição, seus trabalhos e dificuldades, seus empenhos e realizações.

2. E, também, que pudesse deixar bem clarificado, à apreciação isenta e honesta de todos os bons Sardoalenses e amigos da terra, o largo cortejo de vicissitudes e obstruções com que esta veneranda Casa se tem visto confrontada, não somente por algumas disposições legais, tão absurdas como atrabiliárias que, nos últimos dez anos vêm sendo publicadas, como ainda, e complementarmente, pelos entraves e dificuldades que, a cada passo, também, lhe são trazidas por certos elementos locais (e regionais), a quem os oportunismos partidaristas deram uma vara de poder em sectores de comandância e dela se não servido para, em feroz perseguição, tentarem aniquilar a Misericórdia, fazendo tábuas-rasa de toda a sua tão notável obra de caridade e assistência, desenvolvida ao longo dos últimos cinco séculos - como se fosse possível, alguma vez, esta Casa poder vir a fazer sombra às suas ambições pessoais ou politiquieiras!

Deverá acrescentar-se, desde já e em boa justiça, que nenhum desses elementos perturbadores nasceu em solo sardoalense. Jamais os filhos da nossa terra a perseguem ou maltratam - menos, ainda, a espezinham. Podem ter, às vezes, outros defeitos e imperfeições, que os levem fora da razão e da temperança. Mas, nunca descem tão baixo. Sabem, sempre, pôr as Instituições à frente dos Homens, os interesses da comunidade para lá das quizílias ou desentendimentos pessoais, coibindo-se de, alguma vez que seja, se manifestarem em atitudes regateiras ou provas de força na praça pública, quando estão em jogo interesses da maior respeitabilidade. E, mais: -esquecendo agravos ou malquerenças, abrem logo as mãos, generosamente, mal sabem que uma Instituição da terra precisa do seu auxílio ou carece do seu amparo. Povo bom este, simples mas consciente, em que as impetuosidades e os arrufos não ultrapassam os limites do comedimento, nem as querelas e disputas descambam na inconsciência e na iniquidade!

No nosso meio, com efeito, toda a excepção que surja a esta pragnática de civismo tem sempre na base um elemento de fora - ou aqui radicado, já, (quantas vezes a viver à custa das suas gentes!) ou, em outros casos, meros arrivistas de ocasião, quer agindo de "motu proprio", quer em dependente servilismo a forças que os comandam, lá de longe. Dir-se-á que não se trata de um caso isolado e de que haverá muitos mais por esse país além. É bem possível. Talvez, por isso, continuemos a ser, ainda, "um país adiado".

3. A Misericórdia, como íamos referindo, tem de se escudar, ainda hoje com traiçoeiras investidas e emboscadas, que encontram terreno úbere e fértil no ambiente de perturbação e de escalada golpista que hemos vivido e que tudo ameaçou subverter numa voragem demagógica. De outro lado, também, numa perspectiva diferente, há as próprias dificuldades de administração de uma Casa como esta, que unica e exclusivamente existe para a prática do Bem,

... a história não contada

São, ainda, mal conhecidos do público, nos seus detalhes e pormenores, os contratempos que, à última da hora, nos foram levantados pelo Governo Civil de Santarém, proibindo formalmente as festas no Largo do Convento (vulgo Largo do Hospital), com a alegação de que iriam "perturbar o sossego dos doentes".

Trata-se de um argumento que só tirou realidade prática do facto de ter sido "imposto" —porquanto, segundo depoimento da entidade médica que tratava e tinha à sua responsabilidade clínica todos os referidos internados, nenhum deles, felizmente, apresentava motivações clínicas que a tal obstassem.

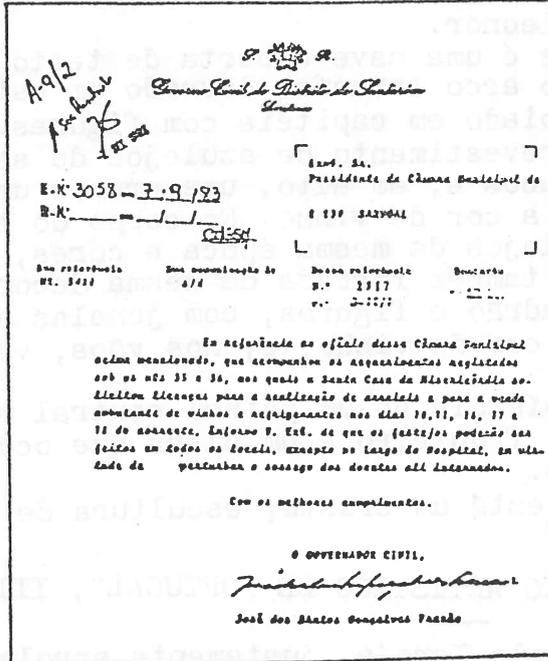
A Mesa da Misericórdia, por isso, logo solicitou uma audiência ao Senhor Governador Civil de Santarém, para lhe poder aclarar directamente o assunto. Só que aquela Autoridade Administrativa, mesmo em presença do que lhe era exposto e das confirmações subsequentes que lhe foram prestadas, se recusou peremptoriamente a qualquer alteração, baseando-se nos pareceres contrários que, disse, ter recebido da Presidência da Câmara e do Delegado de Saúde, de Sardoal — e, por extensão, da Administração Regional de Saúde, de Santarém. Uma outra referência que estendeu, também, na altura, à C.N.R. de Sardoal não terá tido, ao que parece, pelo seu conteúdo inócuo, nenhum peso contraditório.

Depois de larga troca de impressões, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia acabou, pois, por receber a confirmação da ordem já transmitida. Não significará isso, de modo algum, que tivesse ficado convencida (nem minimamente) da intinação assim ratificada. Com efeito, todos os seus membros têm, já, uma prática larga da Vida e dos Homens, e não ignoram os condicionalismos de natureza político-social que podem influenciar, tantas vezes, certas tomadas de posição mais irredutíveis. Mas, porque, desde sempre "contra a força (...da Lei) não há resistência" também, no caso vertente, era mister não levantar quaisquer problemas adicionais. Cumpriu-se —simplesmente!

Daí que a festa tivesse tido uma completa alteração, mesmo sobre a hora, com dificuldades que bem se conhecem e melhor se compreendem — Com efeito, o levantamento de pavilhões e de estruturas, já devidamente montados, e que se reimplantaram, à pressa, em outro local, a falta de mão-de-obra disponível para o efeito, as forçadas improvisações, levaram a novos esquemas de emergência e a alterações de fundo, no programa. De muito valeu, porém, o alto espírito de civismo do povo, que sem a mínima nota discordante, soube compreender os problemas e dificuldades assim, tão inesperadamente, trazidos à Misericórdia.

Por todos estes factos, a Santa Casa veio a ter um prejuízo inútil de largas dezenas de milhares de escudos, em receitas que não pôde efectuar — e de que bem necessitava, aliás, para as suas obras de assistência, nomeadamente o "Centro-de-dia da Terceira Idade", que dá alimentação e socorre a parto de 100 albergados.

Como remate, diga-se que há cerca de 90 anos estas festas (ou as do Senhor dos Remédios) se vêm realizando no mesmo local, sempre autorizadas, e somente agora, pela primeira vez, foram sacudidas para outro lado, devido àquela ordem expressa de Governo Civil, na sequência das propostas feitas pelas entidades anteriormente referidas.



AS MISERICÓRDIAS

..... Por todo o País, as trezentas e sessenta e quatro Misericórdias levaram a efeito a 1.ª Semana das Misericórdias. Se-soubermos em números quantas obras dependem delas, quantas outras estão em construção e quantas ainda em projecto, verificamos que estamos perante uma realidade nacional das mais relevantes no domínio socio-caritativo. Presentemente delas fazem parte 83.516 pessoas. Em lares, centros de dia e nos seus domicílios empregam 6.077 trabalhadores; assistem a 10.530 idosos, a 14.042 crianças em infantários e jardins de infância; a 1.820 jovens em internatos e centros de ocupação dos tempos livres, etc.

A médio prazo serão concluídos 210 novos empreendimentos, dum total de 360, ou seja, 82% das actividades existentes e assim distribuídos: — infância 96; idosos 223; outros 41.

É evidente que o conjunto destas obras não se faz de repente. São por sua natureza morosas e a generosidade nem sempre está presente a acudir, umas vezes por não se poder, outras vezes por omissões.

(Continua na pág. 4)

EDITORIAL

(Continuação da pág 2)

e em que é mister condutar com o maior rigor de justiça e de equidade os réditos limitados de que dispõe (onde os subsídios pouco mais representam do que uma fatia simbólica). E cada dia são mais os casos aflitivos a necessitarem de amparo e assistência, a que os membros da sua Mesa procuram fazer face com a maior dedicação e o mais esforçado empenhamento. E uma completa e sacrificada entrega pessoal —deve acrescentar-se em boa justiça!

4. O nosso "Boletim Informativo" irá dando notícias e relatos do que de mais essencial for acontecendo na vida da Santa Casa, procurando informar e esclarecer, com total e serena objectividade, abrindo caminhos, enunciando propósito —e, outrossim, empenhando-se por fazer emergir vontades e suscitar dedicações, que bem precisas se nos tornam. Efectivamente, a Misericórdia necessita da colaboração de TODOS os que, de coração limpo, recta intenção e dedicado amor ao próximo, a quiserem ajudar. Serão bem-vindos!

— R. S.

A IGREJA DA MISERICÓRDIA

- "Edifício do sec. XVI, com algumas modificações posteriores. Portal de pedra de estilo renascentista, de uma linda cor doirada, guarnecido de medalhões entre a curva do arco e a arquitrave, com labores no friso e nas faces das pilastras. Composição arquitectural mais segura e melhor modelada do que a do portal da Misericórdia de Abrantes. Sobre o portal, amparado por anjos, avulta um edículo de coroação com o painel da Misericórdia.

Superiormente há dois óculos de iluminação.

A porta lateral, de arco de volta redonda, tem o último moldado acairelado de seis lóbulos ornamentais.

Há, ainda, uma esbelta fresta lateral, muito interessante como composição, no estilo renascentista do Porta-óleos do Baptistério da Igreja da Atalaia.

No exterior do templo vê-se, ainda, um painel de azulejos modernos, da autoria do pintor Gabriel Constante, representando a rainha D. Leonor.

Interiormente é uma nave coberta de tecto de madeira, sendo o arco triunfal lavrado em estilo Renascença e apoiado em capitéis com figuras.

Na empena há um revestimento de azulejos do sec. XVIII, azuis e brancos e, ao alto, uma cruz e um calvário, pintados a cor de vinho. No corpo do templo, silhar de azulejos da mesma época e cores, sendo a capela-mor também forrada da mesma decoração cerâmica, de padrão e figuras, com janelas e portas fingidas, a cor de vinho, e, nos vãos, vasos floridos.

Do lado da Epístola há um painel central com a cena do lava-pés, fronteiro a um altar que ocupa o lado do Evangelho.

No altar-mor está um Cristo, escultura de pedra do sec. XVII"

in "INVENTARIO ARTISTICO DE PORTUGAL", III

Pois esta bela Igreja, justamente arrolada como "imóvel de interesse público nacional" está a deteriorar-se pouco a pouco, devido à acção erosiva dos agentes atmosféricos.

Algumas reparações de mais urgente necessidade, feitas há cerca de dois anos, apenas resolveram, muito sumariamente os problemas mais urgentes. Desde essa altura se está a aguardar uma prometida comparticipação dos Edifícios e Monumentos Nacionais; que permita obstar a maiores delapidações naquele valioso elemento do património local.

Mas, as últimas notícias são pouco animadoras: -os cofres do Estado encontram-se esgotados e, por isso, grande parte das verbas para obras e reparações (mesmo de carácter urgente) foi cancelada.

A um certo padrão de vida, perdulário e artificial, de que se abusou nos últimos anos, sucedeu a austeridade e a penúria.

Daquelas boas promessas dos "Monumentos Nacionais", apenas a boa intenção que as ditou se poderá tomar, por ora, como elemento positivo.

AS MISERICÓRDIAS

(Cont. da pág. 3)

Mas concretamente, os investimentos já realizados atingem números impressionantes porque ascendem a vários milhões de contos.

Este renascimento do espírito das Misericórdias é como que o despertar colectivo para acções de natureza espiritual, que tem sido durante séculos, um dos sinais mais característicos da Portugalidade. São valores nos quais colectivamente se acreditava e mais do que isso, valores postos em acção. É como um reencontro de Portugal consigo mesmo.

Unidas como estão hoje, as Misericórdias, na sua União, constituem uma força material, moral e religiosa que não tem paralelo entre nós e os seus frutos serão abundantes e fecundos para bem dos assistidos e dos que com o seu suplemento de actividade, com o seu trabalho gratuito, vão dando a assistência nas organizações, nas campanhas, nas direcções, na imensidade de tarefas e carinhos de que elas necessitam.

in "Nova Aliança"

(de um artigo do Dr. João Nuno Serras Pereira)

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardeal - 2230 SARDOAL

N.º 2 SETEMBRO DE 1983 - (Distribuição gratuita)

Publicação mensal